

UMA LUZ APAGADA, UMA LÂMPADA ACESA

texto e fotos: Gustavo Henrique

I

O interior do Brasil é o sertão. Quando ultrapassamos o limite de uma antiga vila, a primeira fundada por um visconde de Abranches, um conde de Figueiras, barão de Guimarães ou marquês de Dousseau, estamos no lugar da fome. Não interessa se ainda se pode ver um resto de mata verde e alto, o vale de um rio preto ou marrom, seco do lixo ou limpo da água, nem ainda os bois e cavalos que os viscondes trouxeram para esta terra. Nem o canavial interessa. Passada a fronteira, estamos em um - ou naquele - lugar esquecido, onde não chega luz, carro, remédio nem sustento. O que mais falta é sustento. Essa é a palavra mais pesada que o sertão tem que carregar nas costas. É dela que ele foge, é ela que ele procura enquanto obrigado a fugir de si - para depois, com fé, voltar.

Agora, passado muito ou pouco tempo, o nome do sertão é interior. Em Pernambuco, o interior é quase tudo o que não corresponde à capital do estado e às suas primeiras subordinadas: a região metropolitana do Recife. Diz-se "quase" porque as primas da capital ainda carregam consigo a carga de não ser o ponto central da comunidade local - de não estar o mais próximo possível das maiores comunidades possíveis: o País, o Globo.

Assim, quando se fala em interior no Brasil, ou talvez somente no Norte e no Nordeste do Brasil, é preciso apresentá-lo. Não se conhece o interior. Aqui, quando queremos apresentar esse lugar, precisamos usar algumas ferramentas já galgadas pelos que vieram antes de nós ou por nossos conterrâneos. Uma delas é um conjunto de sinais que pode ser resumido na palavra nostalgia.

II

O habitat natural dessa maneira nuvíosa e arfante de transmissão é a música. E a música do interior é o forró: uma floresta de ritmo, gêneros poéticos e musicais que se interligaram ao longo dos anos e se tornaram conjunto conhecido em meados do século XX. Dessa fundação em diante, o *lugar interior* aparece - em cidades, costumes, comidas, pessoas - através da criação ativa (ou evidente) de uma imagem. Essa imagem é que é feita de nuvens e quantidade cortada de informação, seja quando parte de uma sertaneja que se comunica com a comadre ou daquela que canta a sua vida para quem não a conhece.

Quando, nesse processo, o agente comunicador apanha de um saco qualquer onde esteja escrito "atributos do sertão" aquele modelo de uma praça rodeada por uma capela e um número de casas coloridas, por exemplo, ele produz também, ao usá-lo, as conotações de distinção, de filtro e do olhar - aparente, indissimulado. É tão forte o vigor da criação nessa imagem, dentro da perspectiva do cidadão da metrópole, que ela atravessa o território compartilhado até o próprio interior. Por isso, essa perspectiva merece atenção. Considerando-a, a introdução do elemento interiorano no discurso funciona de acordo com três momentos: a *diferença*, que é um primeiro momento quase natural onde se demarca a distância entre a realidade na qual se fala e aquela sobre a qual se fala - e que pode anteceder o enunciado, a *lembrança* de qualquer que seja o primeiro signo lampejante em questão e a *construção* final da ideia abordada, dentro da qual está, inevitavelmente, uma percepção particular do lugar interior.



Em "Feira de Mangaio" (Glorinha Gadelha / Sivuca), a citação de peças emblemáticas ("fumo de rolo, arreio de cangalha") é constante, tanto no poema quanto na música - o solo de sanfona que dá início e seguimento à canção é um dos mais reconhecíveis no universo do forró. Isso levanta a inquietante questão de que, por mais que a composição pinte perfeitamente um cenário específico de feira, ela também é responsável por uma ideia primordial de feira de rua no interior, dado o contexto histórico em que foi produzida e onde é incontavelmente - e também sazonalmente - executada.

Esse uso saudoso e ambigualmente construtivo do interior em "Feira de Mangaio" também está na forte imagem do retirante que não consegue se acostumar na cidade em "Lamento Sertanejo" (Dominguinhos / Gilberto Gil) e na saudade dolorosa de "Maceió" (Lourival Passos); propaga-se como um alarme dos versos "trabalhei o ano inteiro / trabalhei o ano inteiro na esquina de São Paulo / só pra passar / fevereiro em Santo Amaro", os primeiros de "Santo Amaro Ê Ê" (Domínio Público [sic]).

O êxodo, subproduto da fome, presença confirmada em qualquer fala, verso ou canção sobre o interior, é feito a saudade de casa, a demora na estrada, a violência que corrige o feio, o engraçado, o proibido: uma sombra. Vem do que foi, originalmente, uma situação "real" e renasce como produto, como recurso comunicativo que ensina como se vê o contexto total da não-metrópole pernambucana. Essas sombras se

estendem e se costuram numa narrativa contínua, um filme que é usado quando alguém quer se lançar sobre esse lugar (reduto de mil [outros] lugares). Assim, estimulam sentimento e biografia de quem é, já foi ou nunca será do interior. No meio dessa cultura, a mínima referência a nome ou qualquer outro objeto de pertença da "sua terra" - diz-se à gente interiorana - conta.

"Falar de mim é falar de onde venho, em primeiro lugar, para onde tenho que ir e de onde sonho estar", diz a gente. "O meu lugar é primordialmente distante - distante para meu patrão da cidade, distante para mim, que estou na cidade, distante para minha mãe, que vive no meu lugar mas mal consegue pisá-lo, cercada de tudo que o cobre e tomada por uma força que a empurra para longe", continua. "Eu sou deslocada. Eu não fico", termina.

III

Além de estarem sujeitos a ser vistos por esse filtro, e também por causa disso, os produtos de arte e cultura do interior são também "cultura de raiz", elementos valiosos, frágeis e intocáveis do patrimônio e da identidade de todo o Estado. Dessa forma, o que se resumiu como nostalgia não tem poder somente sobre a nossa visão, mas sobre quem somos.

O passado histórico da economia desta imensidão de terra dividida em capitâncias hereditárias

criou o espaço e o rosto humano da prosperidade, da riqueza, do sossego e do intelecto. Esse processo, aliado ao resto das transações que aconteceram mundo afora, é responsável pela subtração racista que permite à indústria cultural, hoje e ontem, mercantilizar a energia vital da Gente.

O mesmo não se enxerga acontecer com a música, a poesia, a gastronomia nem com a língua de condes e barões - apesar de terem tomado a pulso todo o território, a esses objetos raramente se concede o título de brasileiro, porque antes eles são europeus. O que é e o que não é Brasil parece ser um problema não resolvido até que se chega a produtos que deviam pertencer, em primeira instância, a Angola, Senegal, Nigéria, Moçambique (outras nações de identidade forjada), à África. Ou à própria América. A cultura dos povos originários e dos africanos violentados até aqui é a cultura de raiz, a verdadeira cultura brasileira, porque dos africanos e dos povos originários ela precisa ser tomada - ver a concepção de "domínio público". O que é deles é Brasil. As grandes edificações, a música erudita, a arte de vanguarda, a própria arte, "as maneiras", a riqueza natural e a exploração da terra é da metrópole, Portugal, França, Espanha e Holanda, Grande Recife.

Agora que não é mais meados do século XX, se olharmos para a nostalgia do lugar com foco na produção do que se chama de forró, vemo-na ocorrer em uma nova dimensão. O acionamento desse lugar tem muito mais cara de exploração e menos cara de sentimento do que no passado.

PLAYLIST: CAMINHO

Caldeirão dos Mitos
Elba Ramalho

Pobreza por Pobreza
Luiz Gonzaga

Asa Branca
Luiz Gonzaga

Maceió
Dominguinhos

Feira de Mangaio
Sivuca

Lamento Sertanejo
Dominguinhos

Canaã
Luiz Gonzaga

Casinha Branca
Maria Bethânia

Acesse a playlist pelo QR Code e ouça diretamente no Spotify

